

# O processo de aprender fazendo na práxis educativa dos professores de artes visuais

MARGARETE BARBOSA NICOLSI SOARES

Brasil, pesquisadora, artista plástica, foi professora no ensino básico, fundamental I e II, ensino médio e universitário. Frequenta o doutorado do Departamento de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA/USP. Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas (ECA/USP), Mestre em Artes Visuais (ECA/USP).

Artigo completo submetido em 3 de junho e aprovado a 10 de junho de 2013.

**Resumo:** Este texto tem o intuito de refletir sobre algumas experiências no processo de ensino-aprendizagem na formação de professores de artes visuais relacionadas ao conceito de “aprender fazendo” na universidade e alguns desafios de se ensinar arte na contemporaneidade.

**Palavras chave:** Ensino-aprendizagem da arte / Formação de professores.

**Title:** *The process of learning by doing in the educative praxis of the professors of visual arts.*

**Abstract:** *This communication aims to reflect on some experiences in the teaching-learning process in the formation of the visual arts teacher related to the process of learning by doing in college and some of the challenges of teaching art in contemporaneity.*

**Keywords:** *teaching-learning / formation of the professor.*

*No meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
— Carlos Drummond de Andrade*

### 1. No meio do caminho tinha que aprender fazendo

Relato algumas experiências e percepções vivenciadas no Laboratório Didático Pedagógico de Ensino e Aprendizagem de Artes Visuais, que oferece o curso de extensão "Artes Visuais para Crianças" (7 à 12 anos), ministrado às terças-feiras, no período da manhã, vinculado à disciplina de graduação "Metodologias do Ensino das Artes Visuais IV com Estágios Supervisionados", sob orientação de Maria Christina Rizzi, oferecida pelo departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Implantado desde 2008, está sendo colocado em prática no âmbito do Programa de Formação de Professores da USP. Visa proporcionar articulações entre ensino, pesquisa e extensão, de modo a garantir a qualidade da formação dos futuros professores introduzindo os licenciandos em processos investigativos na área de artes e na prática educativa.

O planejamento é realizado de acordo com os anseios dos estudantes e em consonância com as aspirações das crianças, a cada semestre um novo curso é delineado, com o objetivo de estimular a produção artística, discutir arte, cultura e vivenciar uma experiência estética. Aprendem a lecionar lecionando, num processo constante de ação, reflexão, pesquisa e criação. Para Dewey a experiência educativa é reflexiva e resulta em novos conhecimentos. A reflexão e ação interligadas são partes de um todo indivisível.

*(...) Quando manipulamos, tocamos e sentimos; quando olhamos, vemos; quando escutamos, ouvimos. A mão move-se com o estilete de gravador ou com o pincel. Os olhos observam e relatam as consequências do que foi feito. Por causa dessa íntima conexão, o fazer subsequente é cumulativo e não questão de capricho, nem tão pouco de rotina. Numa enfática experiência estético-artística, a relação é tão íntima que controla simultaneamente o fazer e a percepção. Tal intimidade vital de conexão não pode ser tida se apenas as mãos e os olhos estiverem engajados. Quando eles não podem, ambos, agir enquanto órgãos do ser em sua inteireza, ocorre apenas uma sequência mecânica de sensação e movimento, como no caso de se andar automaticamente.*

*(...) O oleiro modela seu barro para fazer um recipiente útil para guardar grãos; mas o faz de modo tão regulado pelas séries de percepções que resumem os atos seriais do fazer, que o vaso fica caracterizado por graça e encanto duradouros.(...) O feito e o sofrido são, portanto, recíproca, cumulativa e continuamente instrumentais um com respeito ao outro.*

*(...) O obra, por exemplo, pode ser uma exibição de virtuosismo técnico, e o sofrer um extravasar de sentimentos ou um devaneio. Se o artista não produzir uma nova visão em seu processo de fazer, agirá mecanicamente e repetirá algum tipo de modelo fixado como padrão em sua mente (Dewey, 1974: 258-9).*

O espaço proposto no laboratório possibilita movimentos de ações inventivas, sensíveis, inovadoras e libertarias.

Os fundamentos teóricos estão pautados na Abordagem Triangular do ensino da artes, impetrada por Ana Mae Barbosa, sob os pilares do fazer, da leitura de imagens e da contextualização; e nos conceitos de técnica, poética e práxis postulados pelo artista plástico Evandro Carlos Jardim. A partir destas premissas agregamos outros autores e conceitos de acordo com a proposta elaborada no momento.

Apresentaremos duas experiências que nos desafiaram a capacitar os alunos a ensinar na contemporaneidade por meio da multimídia. Segundo Pimentel:

*O uso das novas tecnologias possibilita aos alunos desenvolver sua capacidade de pensar e fazer Arte contemporaneamente, representando um importante componente na vida dos alunos e professores, na medida em que abre o leque de possibilidades para seu conhecimento e expressão* (Pimentel ap. Barbosa, 2008: 129).

## 2. Tinha que aprender fazendo no caminho do Nosso Ateliê Animado

No 2º semestre de 2009 contamos com as licenciandas: Cíntia, Mariana e o aluno de Bacharelado: Tom, com experiência em multimídia. Planejamos trabalhar com os conceitos de stop-motion e animação, para isso, os estudantes elaboraram ações envolvendo: light painting, iluminação, cor, sequência, escala, ritmo, espacialidade, desenho, roteiro, continuidade, fotografia, pintura, tridimensionalidade e observação. As crianças escolheram criar uma história sobre o mar. Visitaram o museu de oceanografia como parte do processo de nutrição estética. O resultado, como sequência desses movimentos, deu origem a criação de quatro curtas metragens (Soares, 2010: 82-7). Nesse contexto os movimentos se desdobraram na criação de um blog para o ateliê: [www.nossoa-telieanimado.blogspot.com](http://www.nossoa-telieanimado.blogspot.com).

No decorrer do processo as crianças foram se identificando com as funções e áreas com que tinham maior afinidade, algumas crianças preferiam desenhar o cenário, outras gostavam de fotografar, porém, experimentaram todas as etapas para aprender. Os professores alimentavam o processo apresentando vídeos de animação e lendo imagens.

De acordo com Pimentel:

*Devido à velocidade com que vemos as imagens, nem sempre podemos pensar sobre elas e selecionar as que devem fazer parte do nosso repertório imagético, isto é, da referência visual que gostaríamos de deixar registrada em nossa memória. Nesse contexto, é importante desenvolver-se a competência de saber ver e analisar a imagem, para que se possa, ao produzir imagens, fazer com que ela tenha significação tanto para o @¹ autor@ quanto para quem vai vê-la contemporaneamente, valorizar nossa herança cultural e ter consciência da nossa participação enquanto fruidores e construtores da cultura do nosso tempo* (ap. Barbosa, 2008: 114).



**Figura 1.** Crianças fotografando as cenas do curta. Arquivo Ateliê, 2009.



**Figura 2.** Convite para apresentação no CINUSP. Arquivo ateliê, 2009.

**Figura 3.** Público na apresentação dos curtas no CINUSP. Arquivo ateliê, 2009.

Para finalizar, os curtas: Pinguim, Avestruz, Mário e Pizza foram apresentados para os convidados das crianças no CINUSP — Cinema da Universidade de São Paulo Paulo Emilio. A exibição dos filmes foi uma experiência indescritível para os alunos. Sentiram a alegria e satisfação de assistirem os curtas que haviam criado no cinema.

Depoimento dos arte-educadores Tom e Cíntia, sobre a experiência no ateliê:

*Tom: Lembro quando a professora me mandava desenhar um sol, uma cachoeira, minha família e uma casinha. Lembro também que não gostava muito desse tipo de desenho e que todos os desenhos da turma sempre ficavam parecidos. Quando pensei na aula que daríamos, pensei no que nunca aprendi e teria adorado aprender. Pensei na aula que nunca tive, mas sempre sonhei. E foi isso que fizemos. Ensinamos com base no processo audio-visual de curta-metragem sobre proporção, tempo, espaço, dinâmica,*



**Figura 4.** Prof<sup>ra</sup> Christina, Mariana, Cíntia, Margarete, Tom e alunos do ateliê. Arquivo ateliê, 2009.



Figura 5. Poster criado pelos arte-educadores.  
Arquivo do Nosso Ateliê Animado.

*desenho, cenário, cor, luz, fotografia, som, roteiro, história em quadrinho, trabalho em grupo e muito mais. Um projeto novo e inovador, sem dúvida, que deixa suas marcas na construção de um Brasil mais consciente e, quem sabe, de um mundo muito mais sábio* (Tom, comunicação pessoal, julho de 2010).

A fala do Tom demonstra a manifestação de suas aptidões, importantes para seu desenvolvimento, como ressalta Dewey: “(...) uma sociedade progressiva considera preciosas as variações individuais, desde que nelas encontre meios para seu próprio desenvolvimento. Por conseguinte, uma sociedade democrática deve (...) permitir a liberdade intelectual e a manifestação das várias aptidões e interesses” (Dewey, 1979: 337)

*Cíntia: ‘Aquilo que fica’: Ainda não apaguei as fotos de minha câmera. Algumas vezes, as revejo e as lembranças voltam, como se nunca pudessem ser esquecidas. Pode parecer exagero, mas foi uma experiência que me transformou. Descobri-me como professora e também como pessoa — aprendi na prática que não preciso ser extrovertida, falante e agitada para que me entendam. Em conjunto com o Tom e a Mari, criamos um trio de personalidades que se completavam, de educadores com a mesma sintonia na alma e de crianças que perceberam tudo isso e puderam conferir ao processo uma sensação de fluidez, de um percurso límpido e forte, que não reconhece barreiras, rumo a uma experiência completa. E é isso que eu sinto. E é isso que fica* (Cintia, comunicação pessoal, julho de 2010).





**Figura 6.** Criança fazendo intervenção em foto na lousa digital. Arquivo Ateliê, 2012.



**Figura 7.** Intervenção nas imagens. Criação do "elevador". Arquivo Ateliê, 2012.

Sob o ponto de vista de Dewey, Cíntia teve a experiência verdadeira: "A experiência, em seu sentido vital, define-se por aquelas situações e episódios que chamamos espontaneamente de 'experiências reais,' por aquelas coisas das quais dizemos, quando as lembramos, 'aquela foi uma experiência.'" (Dewey, 1974:247-8).

Participamos da III Jornada das Licenciaturas da USP: Ressignificando a Formação de Professores, em Ribeiro Preto com um banner (Figura 5) sobre o ateliê de animação. Os estudantes se sentiram realizados por poderem visualizar um trabalho consumado. Puderam partilhar a experiência adquirida: seus saberes, pensares e sentires.

### 3. No caminho do "Condomínio Mágico" tinha que aprender fazendo

No primeiro semestre de 2012 a equipe do ateliê era formada pelas licenciandas: Cristina, Diana, Silvia e Suellen; com o apoio das pesquisadoras e doutorandas Margarete e Jurema; da monitora mestrandia Fabrícia, e da Professora Christina Rizzi. A proposta era que os arte-educadores fizessem uso da lousa digital no processo de ensino-aprendizagem da arte com as crianças, a fim de refletirem sobre a criação artística por meio dos procedimentos tecnológicos e consequentemente sobre o ensino contemporâneo de arte. Pesquisamos a virtualidade conforme Pierre Levy e os três paradigmas da imagem de Lúcia Santaella.

Inicialmente, questionou-se o uso da lousa em detrimento dos recursos das linguagens artísticas tradicionais. Para Dewey:

*(...) É bem penosa labuta é a de alterar velhas crenças. (...) Medos inconscientes também nos arrastam a atitudes puramente defensivas, que funcionam como cota de armas, não apenas para barrar novas concepções, mas para impedir a nós próprios*





**Figura 8.** Criança interagindo em exposição no Sesc. Arquivo Ateliê.

*o acesso a nova observação. O efeito cumulativo dessas forças é o de enclausurar o espírito e promover o afastamento de novos contatos intelectuais, necessários à aprendizagem (Dewey, 1959: 39).*

Quando os estudantes perceberam que tinham segurança quanto às linguagens conhecidas, mas resistiam ao que desconheciam, e reconheceram que o uso da tecnologia é importante na contemporaneidade se lançaram ao desafio. Segundo Freire:

*Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. (...) Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. (...) Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. (...) O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade (Freire, 1996, p. 135-6).*

Os educadores perceberam que era possível por meio do uso da lousa trabalhar concomitantemente com imagens visuais e escritas, com vídeos e sonoridade. Alguns conceitos foram explorados como: sombra, realidade-virtualidade, ausência-presença, memória, luz e projeção. As crianças visitaram com os arte-educadores a exposição Índia- Lado a Lado no Sesc Belenzinho; e Emoção Art. ficial no Itaú Cultural.

Todos se encantaram com a instalação "Elevador do Subconsciente", de Sheba Chhachhi. Inspirados nesta obra as crianças criaram a instalação "Condomínio Mágico". Realizaram intervenções sobre os fragmentos da "realidade" (fotos das casas) utilizando as ferramentas tecnológicas (lousa, projeção, filmagem, fotografia). A ideia era criar um lugar onde todos moram juntos e onde tudo pode existir. Simularam um elevador onde as pessoas entravam e viam projetadas as fotos. Sobre apreciação e criação, Rizzi diz:

*É importante que seja trazida para esta atividade educativa a dimensão de criação que ela pode possuir tanto para os alunos quanto para os professores. (...) Reflexão, intenção, mediação, flexibilidade e criação compartilhada são palavras e ações-chave nesse processo (Rizzi, 2013: 146).*

#### 4. Nunca me esquecerei do que aprendi fazendo

*(...) se imaginarmos uma pedra, a qual esteja rolando por uma colina, para ter uma experiência. Sua atividade é seguramente "prática". A pedra parte de algum lugar, e movimenta-se, conforme o permitam as condições, para um lugar e para um estado*



**Figura 9.** Equipe: Jurema, Fabricia, Suellen, Christina Rizzi, Diana, Cristina, Margarete e Silvia. (esq. p/ dir.). Arquivo ateliê, 2012.

*onde possa permanecer imóvel — para um fim. Agreguemos, pela imaginação, a tais fatos externos, as ideias de que a pedra rola para diante desejando o resultado final; que se interessa pelas coisas que encontra pelo caminho, condições que aceleram e retardam seu movimento em relação a seu término; que atua e sente com respeito a elas de acordo com a função de impulsioná-las ou detê-la que lhes atribua; e que a chegada final ao repouso seja relacionada com tudo o que aconteceu antes enquanto a culminância de um movimento contínuo. Então a pedra teria uma experiência, e dotada de qualidade estética (Dewey, 1974: 250).*

O laboratório tem propiciado aos alunos a oportunidade de colocar em prática os saberes construídos durante a Graduação. Descobrem que inventar é possível e que não precisam se ater a modelos padronizados de aulas, o que torna a prática educativa uma nova e estimulante descoberta a cada dia. No embate com a dinâmica educativa adquirem novos saberes, sentires e pensares.

Aprender fazendo neste contexto foi importante para vencer desafios de ordem pessoal, por incentivar a pesquisa, a investigação e a utilização das novas tecnologias.

O fazer articulado à apreciação possibilitou aos educadores e educandos se tornarem produtores e apreciadores da cultura.

Segundo Rizzi, a autonomia do arte-educador para escolher a exposição e o momento adequado de levar seus alunos é imprescindível. Sistemas educacionais que impõe um programa prévio impossibilitam a “maior aproximação ao programa do ensino e a criação de estratégias significativas de mediação cultural. Uma perda!” (Rizzi, 2013: 139)

*Ao abordarmos a configuração complexa do ensino da arte, podemos perceber a riqueza dos conteúdos, dos caminhos e das possibilidades articulatórias que a construção do conhecimento em artes pode oferecer aos educadores, alunos e suas comunidades. Podemos ainda perceber que, para operar neste universo de caminhos e combinações, educadores, alunos e instituições tem que se abrir à possibilidade do acaso, do desconhecido e da incerteza. Perceber que esta configuração de processos de trabalho inclui atitudes de pesquisa, atenção e flexibilidade e que a dinâmica resultante, e ao mesmo tempo impulsionadora deste trabalho de caráter computacional, traz a dimensão entrópica para o ensino da arte (Rizzi: 346).*

Os caminhos metodológicos de capacitação de futuros professores pelo processo de aprender fazendo tem propiciado experiência artística estética educativa e significativa. Temos vivenciado o que é formar e não “enformar” os futuros professores.

*No meio do caminho tinha uma pedra.*  
— Carlos Drummond de Andrade.

### **Referências**

- Barbosa, Ana Mae (Org.). (2008) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. SP: Cortez.
- Cano, Rogério (Cord.) (2013) Rizzi, M.C.S.L., Rosenthal, D. (orgs.). São Paulo: Blucher.
- Dewey, John (1959) *Como Pensamos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- Dewey, John (1974) *Tendo uma experiência*. Cap. 3. São Paulo: Abril Cultural. (Col.: Os pensadores).
- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia — saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Soares, Margarete Barbosa Nicolosi. (2010) *Ateliê de artes visuais para crianças: buscando fundamentos, compreendendo o essencial*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo.

### **Contactar a autora:**

margaretebarbosa@usp.br